

**ALICE  
SANT'ANNA**  
RABO DE  
BALEIA

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**ALICE  
SANT'ANNA**  
RABO  
DE BALEIA

*Para meus avós*

## **UM ENORME RABO DE BALEIA**

cruzaria a sala neste momento  
sem barulho algum o bicho  
afundaria nas tábuas corridas  
e sumiria sem que percebêssemos  
no sofá a falta de assunto  
o que eu queria mas não te conto  
era abraçar a baleia mergulhar com ela  
sinto um tédio pavoroso desses dias  
de água parada acumulando mosquito  
apesar da agitação dos dias  
da exaustão dos dias  
o corpo que chega exausto em casa  
com a mão esticada em busca  
de um copo d'água  
a urgência de seguir para uma terça  
ou quarta boia, e a vontade  
é de abraçar um enorme  
rabo de baleia seguir com ela

## **trem noturno**

nós três rimos muito na cabine e nos assustamos quando o vagão para em uma estação erma, sem gente nos bancos, sem despedidas, o olhar duro do fiscal que dorme sozinho toda noite, o fiscal em sua cabine, sem casa ou mulher, espécie de marinheiro que não embarca em navio algum, que não fica a sós com horizonte algum, mas muito pior, esse fiscal que não pode se perder, está bem firme nos trilhos, em sua rota vénéza-budapeste, que se estende por treze horas sem tirar nem pôr, o fiscal que nos recomenda trancar as três fechaduras da cabine, primeiro a de cima e em seguida a do meio, e nós achamos graça de tudo porque ninguém nos levou à estação ou nos espera na plataforma, não conhecemos absolutamente ninguém por estas bandas e por isso mesmo tudo é tão assustador e leve ao mesmo tempo, esse papel com frases em húngaro, algum comando incompreensível que não vamos seguir, as três com os olhos bem abertos fingindo para as outras que estão em sono profundo, quando na verdade as ideias dançam e trocam a ordem dos móveis na cabeça, se bem que provavelmente o único que dorme em todo o trem deve ser o fiscal, ou nem ele, duro que é, talvez prefira fantasiar com ondas gigantes, maremotos

## O POSTAL DE CLARA ME ALCANÇOU

quando os helicópteros rondavam o prédio  
duas da manhã e todos dormiam  
apenas o zumbir das hélices  
festejava a chegada  
do céu iluminado de hong kong  
que numa foto noturna se coloriu  
de arranha-céus ansiosos pela vinda do ferry boat  
que abarcaria depois de uma passagem  
lenta, tranquila  
diferentemente da sirene que embala  
o sono dos moradores do meu bairro  
clara não conseguiria entender  
o rumor das hélices, seriam abelhas  
de um país tropical?  
ou outro inseto, talvez mais robusto?  
como explicar o voo para clara?

## **A NOITE UM BLOCO**

de madeira pintado de preto  
fecha os olhos e tenta se aproximar  
perceber seu tamanho, profundidade  
se tem cheiro se é maciço  
sem porta para entrar ou sair  
o modo como a luz bate  
suave, meia-luz, a mínima  
necessária para se ver o bloco  
se não fosse por ela o bloco  
mal existiria, seria tudo um mesmo escuro  
sem contorno entre montanha  
seus pés e meio-fio, o bloco  
cabe no seu quarto em cima da cama  
ainda sobra algum espaço nas laterais  
uma nesga de lençol, mas não  
o suficiente para caber  
ela também



## os primos

era número 48 a casa amarela  
uma escadinha e uma árvore  
bem pequena na varanda  
que de vez em quando dava jabuticaba  
tão mirrada que nem em faz de conta a gente  
sentia gosto de fruta  
todo dia era dezembro na rua  
miguel pereira mesmo quando chovia mesmo  
naquele dia do tombo  
de patinete o meu grito ecoando  
e o seu espanto até quando a gente  
discordava da cor de certas tardes ou quando  
aprendeu junto a deslizar nas bicicletas  
alguma coisa sempre escurecia  
de noite uma vontade de ficar um pouco mais  
os carros dos pais que chegavam  
como besouros lentos e gordos  
os carros que não deviam  
não podiam

## **HÁ AQUILO QUE FICA FIRME (UM POSTE)**

e não comove e há o que se mexe (uma árvore)  
e faz barulho e chega a parecer um polvo com tentáculos  
tentando agarrar as nuvens, ao contrário  
das montanhas muito firmes  
e sérias e certas de onde estão  
mas há também o que se movimenta  
rápido demais na moldura da janela: um pássaro  
sempre pode ser uma andorinha ou uma águia  
e um avião nunca sabemos  
de onde parte para onde segue

## **A ÁGUA TRANSBORDAVA DA PIA**

para lavar bem lavadas as cerejas  
fora de época (caras demais)  
com os fones ouvia a respiração alta  
na cozinha de uma estranha  
nota que os anéis mais parecem  
engrenagens que anéis  
as engrenagens nos dedos uma máquina  
fecha os olhos por alguns minutos  
sente a água molhando o aço a fruta  
enferrujar as cerejas (tão caras)  
a boca um risco que quase sorri  
a distração do metal gelado na casca  
não sabe se o que ouve é eco  
ou sua própria voz distante  
a dona da casa pergunta se está cantando  
por que está cantando tão cedo?  
achava que estivesse muda  
a respiração alta

## titina

### 1.

caminhávamos na estrada de terra  
o dono da casa apoiado  
numa bengala de madeira  
parou e apontou para o lago  
onde uma árvore seca continua seca  
desde que compraram a fazenda  
lá se vão trinta anos a árvore  
seca no meio do lago

### 2.

aqui dá muita formiga saúva, s. disse  
a verdadeira praga do brasil (quem disse?)  
a formiga rainha é maior que as outras  
e todas dependem dela de suas ordens  
quando ela morre todas as outras morrem  
por isso a melhor solução pra acabar com a praga  
é matar a rainha  
ela já nasce rainha?  
como as outras são capazes de reconhecê-la?  
s. não soube responder ou se distraiu  
esmagando um inseto  
com a ponta da bengala

### 3.

quando m. foi cumprimentar  
a dona da casa ela falou surpresa  
que ele era a cara do harry potter  
vou chamar um mágico, ela gritou  
e tomou a agenda o telefone  
convidou-o para o dia seguinte  
ainda que já fosse tarde da noite  
todos sentados na sala de jogos às oito  
em ponto à espera do mágico que vinha  
de petrópolis

4.

era duro ver aqueles truques tão de perto  
d. tentava a qualquer custo desmascará-lo  
olhava cheia de olhos, deve haver algo  
entre as mangas  
jura que a bolinha vermelha  
estava escondida no bolso do paletó  
mas ninguém acreditava, a bola  
surgiu do nada mesmo, o truque da carta  
aparecer dentro do limão, como pode?  
depois voltamos para a sala de jantar  
vovó não estava com força  
nas pernas, eu e g. a conduzimos  
pelo caminho de pedras cada uma  
segurava um braço

5.

o nome do cavalo era mistério  
não contei nem a g. nem a l. a aranha  
pendurada no teto  
em um fio invisível a aranha  
sobre nossas cabeças  
poderia pôr tudo a perder  
se bem que eles já eram craques  
corriam na trilha de barro e aos poucos  
éramos deixados pra trás: eu e mistério  
galopávamos a toda para alcançá-los  
o sol era forte e me deixou  
a marca da camisa

## winnipeg, mon amour

nós sonâmbulos  
nos esbarramos em algum  
ponto na sibéria  
ou na suécia, onde as horas  
de sol são preciosas  
não acordo nunca  
desse mesmo sono, o molho  
de chaves nas mãos  
sento na cadeira da sua sala  
devo beber café ou jogar  
dominó (como os olhos dos nenéns  
os meus nunca registram  
o que está se passando)  
te pergunto se quer dançar  
esta última música, comento  
deve estar quente no rio

## **A ARANHA SE ESCONDIA**

atrás da parede como que  
para dar o bote  
a projeção da sombra as pernas  
contorcidas quase troncos  
de uma árvore nascendo do chão e do teto  
lúgubre lúgubre mais que lúgubre  
o susto me recomendava  
a correr tomar um táxi  
mas ao mesmo tempo me forçava  
a caminhar lentamente em torno da aranha  
e olhar bem de perto  
do que é feita (aço maciço): material do medo  
me aproximar das pontas  
das pernas que não são pés  
lanças apontadas para o chão  
que a qualquer momento se desgarram  
e enlaçam a presa, têm vida própria  
os tentáculos de aranha  
eu sozinha com ela  
não espantaria ninguém  
se ela sumisse comigo

## **A SANDÁLIA NOVA BRANCA COM DEDOS**

que se refestelam do lado de fora  
como crianças que sabem o verão que vem  
de repente a chuva minguia os planos  
da calça jeans com sandália de dedo  
uma combinação entre-estações  
para não se sentir nem tão lá nem tão  
cá os dedos curvados corcundas feito crianças tristes  
as unhas recém-cortadas que planejaram  
se mostrar sobre a cadeira de rodinhas  
mas que nada a água inundou a sexta  
da janela os bambus se movem muito  
chegam a parecer desesperados  
as folhas penduradas são cabelos colados  
que gritam novas rugas onde nada havia



## QUE MÁ IDEIA OS LADRILHOS E O VASO E A PIA

de um azul-marinho que não se vê o fundo  
espera o bule de chá no salão  
com o dedo indicador roça o umbigo, queria  
descascar a pele do umbigo na fresta entre  
os botões do casaco e da camisa. impossível não  
pensar na briga que viu há pouco  
no porto de montevidéu: duas mulheres  
se engalinhavam na porta de um táxi, quando olhou  
da primeira vez achou que uma estava salvando  
a outra de um infarto, uma adolescente  
na calçada gritava aos prantos  
mas como apartar a briga se talvez não fosse  
o caso, se talvez fossem duas desconhecidas  
ou por que não duas irmãs  
depois de uma revelação catastrófica? o bule  
quente demais amarga o chá  
a segunda caneca se despeja escura  
amarga quase café  
sentiu muito frio na passarela diante dos carros  
que zuniam na onda verde por baixo dos pés  
depois caminhou até a farmácia e procurou  
creme para os olhos  
um que não desse coceira, se bem que  
na dúvida entre rugas ou cegueira  
ficaria com as rugas  
disso tinha certeza. as bochechas  
descascavam no frio, não teria  
camisas limpas  
até o fim da viagem

## **OS BRAÇOS, AS PERNAS**

doloridos  
da primeira semana de balé  
já tardia, não tem mais idade  
pra começar  
por isso mesmo talvez seja hora  
de arriscar o pé em ponta  
na água fria, a primeira braçada  
sem o tutu, o coque  
sem a meia-calça  
que, diria, pinica  
agora já não tem desculpa  
ao lado da menina de rosa  
que é toda movimentos perfeitos  
não receberia nenhuma correção  
em sua postura de quem dançou  
toda a vida  
e ela ali desengonçada  
a camisa amarela que leva um touro  
vermelho e a palavra espanhã  
uma bermuda de ginástica  
que há muito estava guardada  
a essa altura

## **quando armando e ana se conheceram**

passou a usar tênis depois que ela disse  
que lhe caíam bem os tênis  
com uma pequena argola branca  
cobrindo aquele osso do pé como se chama  
ela própria sempre em seu par fúcsia  
não era bem rosa era mais  
cor de morango  
esperava na ponte perto do pilotis  
vestia sempre cores fortes e cabelos  
enquanto as outras naquela época em seus coques  
tão polidas  
um anel bruto que ela tinha e não tirou dos dedos  
perguntou se ele queria ficar com o anel  
era grande de prata imagino unissex  
que ele gostava de rodar quando se encontravam  
rodar o anel no ar  
mas não quis ficar com ele ou talvez  
não tenha entendido a urgência da pergunta  
feita assim como quem  
não quer nada  
o anel que talvez tivesse ficado guardado  
em uma caixa de joias e enferrujasse  
esquecido de tão precioso ou pelo contrário se arranhasse  
com o uso diário é possível  
que ainda não tenham inventado  
uma maneira eficiente de se conservar  
anéis ou argolas do tênis  
prata de um azul-celeste ou era fúcsia

## **TRAVELLING –**

este papel só serve para ocupar  
o banco do lado, poema-carona  
em que se resume uma impressão  
a um esqueleto, uma frase, uma fórmula  
e quando ela brota, igualzinha, na vez seguinte  
não precisa mais sentir nenhuma dor  
lembra daquele poema  
que diz a sereia de papel  
e pronto, já aprendi  
essa rua que sobe em curva  
lá de cima pipocam casas onde você nunca  
vai morar, mesmo que more, na lateral  
os carros te atravessam em câmera lenta  
tudo o que há nesta cidade é um ponto  
de ônibus em frente ao supermercado  
onde se vendem ovos para bater  
suspiro na cintura, a manga arregaçada  
pavlova nas datas especiais

## **ausência**

tenho te escrito com calma  
cartas em um caderno azul  
arranco da espiral e não posto  
por preguiça ou nem morta  
tenho medo da espera  
durante dias ou semanas um animal horrível  
(espécie de raposa) vai me perseguir  
por dentro, ou serei eu mesma  
(um rato?) a me roer  
enquanto a resposta não chega  
perco muito tempo tentando  
dar nomes aos bichos  
que sobem a cortina do quarto

## **COM MEDO DE ANESTESIA E DE AGULHA**

e de dor, foi direto para a faca  
dois cortes na barriga e um na têmpora  
uma porção de pontos internos e externos  
curativos com mancha de sangue de pintas que brotam  
e se instalam e viram definitivas, mas eis que  
são perigosas, ou talvez não sejam  
e portanto é preciso escavar, o que já faz  
de um mero sinal um corpo estranho no corpo  
uma pinta que é profunda e se alonga  
e deixa só a ponta da pedra  
visível, uma pinta que pode ser qualquer  
outra coisa que não uma pinta, e as constelações  
se multiplicam, novos planetas ou meteoros  
que se alinham sem explicação  
já diagramados no tecido como se estivessem lá  
desde sempre e para sempre  
e eis que quando apagados em questão de minutos  
deixam na pele  
cicatrices das órbitas

## **A ENORME BOLA BRANCA**

entrou manchando toda  
a sala de branco  
de luz do inverno  
que não esquenta, mas se não  
sentíssemos nada não usaríamos casacos  
pois a luz já convenceria do calor

aqui nesta casa a luz entra  
por trás de bambus  
bambus amarelos, alguns pendem  
e as folhas pairam no ar, às vezes  
mexem para provar que não são fotografia

tem dias que a arrumadeira  
por descuido deixa a porta do banheiro aberta  
quando vai tratar de outra coisa  
em outro canto, a porta aberta  
permite que eu entre no banheiro antigo  
a que os visitantes não têm acesso  
pois a porta fica sempre fechada

por um minuto posso ver secretamente  
a banheira com a torneira dourada em forma de ave  
e o espelho com ferrugem no entorno  
tudo isso me dá um imenso prazer  
a casa à noite, ninguém a habita  
caminho sozinha  
entre paredes de vidro

## **IMPOSSÍVEL SENTAR-SE DIANTE DE TANTAS CADEIRAS**

que aguardam o momento  
em que serão úteis

as costas espalmadas são pacientes  
podem ficar para sempre na espera

os pés das cadeiras quando tombam  
apontam para cima  
são insetos de casca redonda  
que não desviram sozinhos



## **LOGO DE CARA AQUELE MORRO**

gigante recortado do céu  
nos encarava sem  
a habitual superioridade  
das montanhas  
a sensação de ter  
que entortar o pescoço  
para avistar lá no alto o topo

por alguma falha na proporção  
agora eu também era montanha  
sem nenhuma dúvida era montanha  
do décimo terceiro andar  
debruçada sobre a beira  
não me sentia grande mas  
pega de surpresa pelo braço  
e obrigada a reagir eu podia  
a) abraçar a montanha  
b) dar as costas pra ela

## **SE FICAR BEM Q UIETA**

conto o que nos trouxe aqui  
eu e ela  
todas as palavras  
roubadas da estante de cerâmica  
da mais cara são objetos  
que se lançam  
com o risco de espatifar no chão  
passei muito tempo tentando dizer  
mas quando abria a boca o que pintava  
era uma bailarina de caixa de música  
que girava no ar contra a minha vontade  
ela não sabe mas eu queria mesmo  
era ser franca dizer que o sol batendo  
na mesa é meu  
os caquis na fruteira  
os papéis que o menino do correio  
lança por debaixo da porta  
todas as coisas que posso  
segurar isso é meu

## **A SOMBRA DO AVIÃO ATRAVESSANDO**

a copa das árvores não carrega ninguém  
que se despeça ou tome chá  
água fervida em bule de ágata  
na sombra do avião não há quem acorde  
com os pés pendurados pra fora do colchão  
não há ninguém que uma vez tenha se assustado  
com o sangue do nariz  
colorindo de vermelho a cama  
em plena madrugada a sombra do avião  
não faz sentir saudade nem pena  
nem vontade de ir com ele e cruzar  
a copa ou o quarto  
pode apenas olhar pra baixo  
quem vê a sombra do avião  
na copa entre as asas

## 14, dorchester place

subir os degraus  
de carpete pela primeira vez  
carregada de malas  
com todas as roupas, as cartas  
fazer daqui minha nova casa  
às cinco da manhã me apresento  
o voo foi longo, não durmo  
faz dois dias  
a nova mãe me recebe  
de casaco vermelho  
e cabelos de ontem  
pede que eu não faça barulho  
para não acordar julie  
a bebê ruiva que conheci  
nas fotos. o brasil  
ah, o brasil, lá deve ser nice and warm  
este aqui é o seu quarto  
não abra a janela por causa do frio  
as roupas de cama ficam neste  
armário, jantamos juntos às seis  
você pode ver tevê quando não  
estivermos no sofá, você pode  
se servir na geladeira  
só peço que não tome as nossas  
coisas, o leite de julie  
minhas frutas, a faca  
deve ficar virada para baixo  
na máquina de lavar  
para não furar o dedo do aaron  
depois conversamos melhor  
ela com esse sotaque engraçado  
fala bem devagar como se eu  
fosse uma criança, como se  
eu fosse a julie  
now go get some sleep

## **DENTE QUE BATE NA LOUÇA E TRINCA**

a língua apalpa por detrás  
procurando indício de rachadura  
na porcelana  
desliza na borda da gengiva  
o chá ainda quente na boca  
incisivos erguidos como prédios  
mas frágeis feito xícara  
casca de ovo  
a asa não se firma entre os dedos  
quer escorregar e se colar à sombra

quando criança chorava ao ver a sombra  
jurava que era alguém insistente  
que apareceu sem ser convidado

## **bolo de laranja**

aquele dia  
você tão distante  
preparou um bolo de laranja  
mas tropeçou  
no ingrediente: a turma toda  
que esperou ansiosa  
cuspiu na pia  
farinha que era sal  
açúcar que era fermento  
o gosto intragável  
e o seu choro em público, mal  
conseguiu se explicar  
nem na própria língua  
muito menos praqueles gringos  
que não entendem nada  
nem abraçar eles sabem

## benjamin

tenho um medo terrível de cegar  
ela me disse, e desligou  
o telefone se abraçando debaixo  
das cobertas. fazia frio demais  
para levantar agora, lavar as mãos  
esfregá-las com álcool  
e voltar para a cama. fica na dúvida  
se ao acordar será capaz de abrir os olhos  
e enxergar o relógio  
por saber secretamente  
que coçou os olhos com os dedos  
depois de ontem, depois de  
ter passado a tarde com aquelas crianças  
na dúvida se a viam pouco  
ou nada, com uma roupa escolhida especialmente  
para a ocasião, percebeu  
que afinal ninguém poderia ver a tal roupa  
até que um menino apontou  
olha só a loura  
a menina bem novinha usa unhas  
roxas metalizadas  
e quer ser atriz quando crescer  
ela é a que mais vê de todos, poderia  
estudar em uma escola qualquer  
mas tem uma doença degenerativa  
aos poucos vai enxergar cada vez menos  
e todos sabem disso, saberá ela também?  
decide que não vai sentir pena  
ninguém aqui está pedindo pena  
amanhã ao acordar  
vai ser como eles

## **DESENHAVA TUDO O QUE VIA**

com uma estranha compulsão  
passava cinco, seis horas na frente  
de um quadro, uma maçaneta, um pastel de nata  
completamente absorto  
sacava do bolso o lápis  
corria para rabiscar, depois anotava  
a data ao lado, a rua, nada  
se perdia no caderno  
enquanto isso eu aflita queria repetir  
o gesto, documentar tudo, dizer do gosto  
da canela no pastel de nata  
do primeiro dia azul de lisboa  
mas não escrevia e com pressa para registrar  
me tornava burocrática  
no diário: hoje fomos de trem, estava quente



## **O QUE ERA ESTRANHO DAQUILO TUDO**

é que eu caminhava com muita pressa  
e quanto mais eu corria mais  
aquela placa, lá na frente, ficava  
parada no mesmo lugar, digo, a mesma  
distância. e não era um sonho aquilo, sei  
que sonhei com uma pastilha que fazia crescer  
um eucalipto dentro do corpo, um tronco  
que subia pelas costelas e deixava escapar  
uma folha bem verde e bem miúda pelo ouvido  
embora com os cabelos tentasse disfarçar  
a folha fazendo cócegas, ao subir a ladeira a placa  
se mantinha lá longe apesar da minha investida  
talvez fosse o gosto ou o cheiro ou só de saber da árvore  
que crescia dentro e tomava corpo  
era impossível saber como terminaria o sonho  
se o eucalipto me sufocaria ou se poria fim  
à gripe, se a placa continuaria longe, parada  
ou se viria em minha direção rápido demais

## **CORTOU AS UNHAS DEPOIS DO BANHO**

moles pela água quente  
as calçadas estarão repletas  
de jacas maduras, pensou  
caídas tombadas maduras  
feito obesos que se soltam  
dos prédios as jacas suicidas

## **mariachis**

1.

m. então respondeu  
que era possível acessar  
a rádios do mundo todo  
em seu celular. atravessamos  
a ponte num sábado  
frio e abobadado de junho  
enquanto n. baixava a janela  
do carro para fumar  
quando alcançávamos  
o pedágio todos dançavam  
a música dos mariachis  
e n. enrolou a língua  
para perguntar em espanhol  
o preço, dois e setenta  
muchas gracias muchacho  
ainda faltava um bocado  
para chegar  
à esquerda depois  
do queijão

2.

formamos a quadrilha  
numa roda  
a perder de vista  
no meio da dança joguei  
os casacos e o cachecol de lã  
na grama, suave. depois c.  
apostou que era capaz  
de pular a fogueira e pulou mesmo  
mas o flash não acionou  
no instante. quando  
estávamos na mesa de doces  
veio um menino perguntar a m.  
se tinha dançado, e com quem, e aí  
o menino retrucou que dançou com d.

uma menina que acabara de inventar  
ele mesmo disse isso  
que acabara de inventar  
e todos riram sem graça porque ele  
engrossou a voz, ficou bravo mesmo  
e desamparado m. se sentiu  
terrivelmente culpado ou fora  
do lugar ou as duas coisas

## **NÃO SE PODE FICAR À VONTADE**

numa cidade com tantos cemitérios  
b. nos leva para passear de carro  
no banco da frente acho estranho como se pode  
viver numa rua chamada luminárias  
fico todo o tempo em alerta  
nosso encontro inesperado  
tanta gente em volta e eu nem me preparei  
de repente ela me olha num misto de curiosidade  
e passe longe  
cabelos longos mechas loiras  
eu não sou daqui  
olho demais  
não é bem vontade o que tenho  
mas tampouco é falta de vontade

## meu assassino

hoje encontrei meu assassino  
dispersa, olhei  
para a plateia e lá estava ele  
os olhos fixos em mim  
soube na mesma hora  
de quem se tratava  
tentei disfarçar a chuva que deixou a franja  
bagunçada na frente dos olhos  
mas o assassino me olhava  
e eu revidava: era um jogo  
sabia que a qualquer respiração  
se eu me desconcentrasse ou se tropeçasse  
ele não perdoaria nunca (isso já aconteceu antes)  
a diferença é que agora sei  
como ele se chama sei  
o formato do maxilar  
e como ele me olha com esses olhos de assassino  
pensei em chamar a polícia, os jornais  
pensei sobretudo  
em mudar de cidade  
e não contar para ninguém  
assim o meu assassino me procuraria  
nos mesmos lugares de sempre  
mas frustrado voltaria para casa  
e me escreveria longas cartas  
dizendo fique avisada, seus dias estão no fim  
contudo meu assassino jamais seria  
capaz de me encontrar  
e por isso as longas cartas  
que ele levaria ao correio muito bem  
dobradas em envelopes com cheiro  
de canetinhas coloridas  
não chegariam a parte alguma  
pois não constaria o meu nome  
em nenhuma página amarela  
ou conta de luz

meu assassino bateria na porta  
da minha antiga casa  
eu o convidaria para entrar  
ofereceria um café e diria  
que pena! que desencontro! que perda!  
ela não mora mais aqui

**HOJE ACORDAMOS** com a cidade toda branca, uma sensação de que estávamos participando do sonho de outra pessoa. a neve cobria tudo, as capotas dos carros, as calçadas, os bancos de rua, as avenidas. o pé não faz barulho quando pisa no chão, os carros deslizam em silêncio. a acústica da cidade é a de uma almofada gigante. caminho sem desgrudar do corrimão, sempre atenta para não deixar os olhos se fecharem num deslize. o fog borra a vista do que está para lá da ponte. aperto a pedra do parapeito com as mãos para ver melhor.



## **ABRO O ENVELOPE**

e espero praias grandes paisagens  
sua letra miúda contando coqueiros  
a data à caneta  
marcando meses anos  
que não nos vemos. mas o envelope  
branco e frágil  
traz estrela cadente na borda  
anéis de saturno onde você talvez esteja  
um homem-palito astronauta  
boiando num céu estrelado. você talvez  
tenha desenhado numa noite de lua  
nunca vou saber  
onde foi que gravou  
esse sofá amarelo, essa porta de geladeira  
numa cozinha de pedra são tomé  
uma cadeira sobre fundo  
de azulejos verdes. me pergunto  
se diante de tantas paisagens  
por que você só me mostra  
os cantos das casas por onde passou  
nenhuma janela aberta  
nenhuma amostra  
se faz sol ou chuva  
se aí também amanhece

## retrato de ingeborg

### 1.

veio, mas esqueceu as calças  
o micro-vestido que deixa  
as coxas quase inteiras nuas, a sueca  
entra na sala  
mal o professor abre a pasta,  
tira os óculos escuros e o ipod  
bonjour, ela diz  
aquele sorriso às nove e três  
por pouco não perde a chamada  
senta ao lado do americano  
que afasta a cadeira atento às pernas  
o professor retribui o sorriso  
e começa mais um dia: a chamada  
em ordem alfabética  
pelo sobrenome  
não acerta nunca o nome da chinesa  
que virou clara para simplificar  
ele diz algo incompreensível  
e levanta a cabeça esperando aprovação  
no que a chinesa corrige:  
pode me chamar de clara

### 2.

acabado o ritual, entra o mexicano  
sempre atrasado com sua garrafa  
térmica azul-marinho  
abre a porta, desculpe o atraso  
se eu chegasse a essa hora  
na cidade do México  
o professor nem por nada  
me deixaria entrar, me reprovaria  
em três atrasos  
na cidade do México  
nunca mais poderia me matricular

em aula alguma  
entrar em estabelecimento algum  
ter futuro  
na cidade do México

**3.**

o professor responde  
que não tem problema  
é só não chegar  
atrasado amanhã (todo mundo  
sabe que vai chegar)  
mas por que diabos você chega  
tarde todos os dias?  
o menino não se envergonha  
por nada (eu já afundada na cadeira)  
diz que está testando  
todas as maneiras de transporte possíveis  
para chegar à faculdade  
da cidade universitária  
o professor explica: basta pegar o rer  
linha b, parar em chatelet  
em seguida trocar para a linha quatro  
não tem erro  
em vinte minutos você chega

**4.**

o mexicano parece muito agradecido  
sorri como um japonês  
diz que vai tentar isso amanhã  
sem falta chega antes das nove

## **SAIU DE LÁ PARA SEMPRE**

sem saber de que serviam os sapatos  
pendurados nos cabos de eletricidade  
pelos cadarços, agora as pernas  
ficam sempre enroladas de um modo que a engenharia  
não seria capaz de reproduzir  
toma água gelada na mesma caneca  
que o chá pelando e se pergunta  
se não era uma brincadeira de criança  
jogar os sapatos para o alto dos fios  
ou se seriam traficantes anunciando o ponto  
mas como, numa cidade tão arrastada? as pernas  
feito cadarços, a pele eriçada pelo ar-condicionado  
quando se esforça para lembrar como era  
só consegue pensar nas tardes longas e claras  
nem as nuvens tinham pressa  
mesmo em território vulcânico  
as placas pacatas

**SOBRE A  
AUTORA**

**ALICE SANT'ANNA** nasceu em 24 de maio de 1988, no Rio. Estreou em 2008 com o livro de poesia *Dobradura* (7 Letras). Lançou duas publicações independentes: *Bichinhos de luz* (2009) e *Pingue-Pongue* (2012), este em coautoria com Armando Freitas Filho.

*Agradeço imensamente a Heloisa Jahn, Armando Freitas Filho, Heloisa Buarque de Hollanda, Mariano Marovatto, Marília Garcia, Ismar Tirelli Neto, Chacal, Patricia Veiga, Patricia Carvalho, Catarina Flaksman, Carolina Frossard, Luisa Borja, Winnie Hagemeyer, Miguel Del Castillo, Emilio Fraia, Cassiano Elek Machado, Bruna Beber, Ana Guadalupe, meus pais, minha irmã, família e amigos.*

© Cosac Naify, 2013

© Alice Sant'Anna, 2013

*Este livro foi selecionado pelo  
Programa Petrobras Cultural*

COORDENAÇÃO EDITORIAL Heloisa Jahn  
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Tereza Bettinardi  
REVISÃO Fabiano Calixto  
CONSULTORIA CULTURAL Sandra Helena Pedroso

ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida  
PRODUÇÃO DE EPUB Fabian J. Tonack

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*



CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Sant'Anna, Alice [1988- ]

Rabo de baleia: Alice Sant'Anna

São Paulo: Cosac Naify, 2013

ISBN 978-85-405-0627-5

1. Poesia brasileira I. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira: 869.91

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2° andar

01223-010 São Paulo SP

[cosacnaify.com.br](http://cosacnaify.com.br) [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

[professor@cosacnaify.com.br](mailto:professor@cosacnaify.com.br)



Este e-book foi projetado e desenvolvido em setembro de 2013,  
com base na 1ª edição impressa, de 2013.

FONTES Flama e Nyte

SOFTWARES [LibreOffice](#) e [Writer2ePub de Luca Calcinai](#)

## Índice

[UM ENORME RABO DE BALEIA](#)

[TREM NOTURNO](#)

[O POSTAL DE CLARA ME ALCANÇOU](#)

[A NOITE UM BLOCO](#)

[OS PRIMOS](#)

[HÁ AQUILO QUE FICA FIRME \(UM POSTE\)](#)

[A ÁGUA TRANSBORDAVA DA PIA](#)

[TITINA](#)

[WINNIPEG, MON AMOUR](#)

[A ARANHA SE ESCONDIA](#)

[A SANDÁLIA NOVA BRANCA COM DEDOS](#)

[QUE MÁ IDEIA OS LADRILHOS E O VASO E A PIA](#)

[OS BRAÇOS, AS PERNAS](#)

[QUANDO ARMANDO E ANA SE CONHECERAM](#)

[TRAVELLING –](#)

[AUSÊNCIA](#)

[COM MEDO DE ANESTESIA E DE AGULHA](#)

[A ENORME BOLA BRANCA](#)

[IMPOSSÍVEL SENTAR-SE DIANTE DE TANTAS CADEIRAS](#)

[LOGO DE CARA AQUELE MORRO](#)

[SE FICAR BEM QUIETA](#)

[A SOMBRA DO AVIÃO ATRAVESSANDO](#)

[14, DORCHESTER PLACE](#)

[DENTE QUE BATE NA LOUÇA E TRINCA](#)

[BOLO DE LARANJA](#)

[BENJAMIN](#)

[DESENHAVA TUDO O QUE VIA](#)

[O QUE ERA ESTANHO DAQUILO TUDO](#)

[CORTOU AS UNHAS DEPOIS DO BANHO](#)

[MARIACHIS](#)

[NÃO SE PODE FICAR À VONTADE](#)

[MEU ASSASSINO](#)

[HOJE ACORDAMOS](#)

[ABRO O ENVELOPE](#)

[RETRATO DE INGEBORG](#)

[SAIU DE LÁ PARA SEMPRE](#)

[Sobre a autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

Redes sociais

Colofão